

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS: RELENDO AFETOS E CONSTRUINDO O PROJETO DE VIDA

Padre André Araújo, SJ

Voa menino, voa
pra sua estrela natal
Voa menino, voa
por cima do temporal

Sei da saudade que sente do tempo, do coração
Vejo o lamento que mora na sua canção
Eu também tive um sonho que passou
Também sou feiticeiro e cantador
Eu também ouço histórias na voz do tambor

Sei dos seus sonhos perdidos nos olhos da mãe do luar
Conheço o amor infinito que deixou por lá
Eu também tive um rio que secou
Também sou guerreiro e sonhador
Eu também sei cantar pra não gritar de dor

(Estrela Natal – Sérgio Pererê)

Introdução

O menino é irmão do homem – costume dizer desde a minha experiência com os Exercícios Espirituais, nos meus trinta de dias de Retiro, em Itaici, na época do Noviciado. Numa das contemplações, segundo São Lucas (cf. Lc 2, 21-41), Maria e José vinham ao Templo, para a Apresentação do Menino Jesus, e eu, criança, estava à porta pedindo esmola. Enquanto muitos arrastavam animais de grande porte para oferecerem o sacrifício por seus filhos, a Família de Nazaré esperava por sua vez, na fila, denunciada em sua pobreza, trazendo um casal de rolinhas. Maria não tinha nada para me oferecer, mas me olhou fixamente e perguntou se eu estava sozinho, suspeitava que eu estivesse abandonado. Respondi que sim. Ela, então, perguntou a José se podiam levar-me com eles. Daquele dia em diante, passei a viver como um irmão do Menino Jesus, fazendo-me presente a todas as cenas da vida de Jesus, com Ele, nas travessuras e nas andanças da vida oculta, que Inácio pede que imaginemos. Foi, para mim, um privilégio!

De lá para cá, percebo, na Encarnação, o Menino que se aproxima do homem para ensiná-lo a amar bonito, convidando-o a amar mais e melhor a cada dia, além de ver, claramente, que somos como aquela criança da porta do Templo, admirando, no comum dos dias, o Filho do Homem tão perto... Ele está no meio de nós! Por isso, acreditar firmemente que *o menino é irmão do homem* que nos vamos tornando ajuda-nos a reler a

própria vida e, conseqüentemente, a conhecer melhor nossas motivações pessoais para *em tudo amar e servir* o Senhor no mundo. Afinal, mesmo que viver possa ser, de fato, muito perigoso, como dirá Guimarães Rosa, no Grande Sertão: veredas, viver é, também, um pacto de confiança. O mundo contém uma palavra que engendra, regenera, cria e recria o tempo inteiro, irrompe e vai ganhando formas precisas. Viver é, por isso, entrar num mundo que nos precede em ser, em tempo e em sabedoria – dirá o jesuíta espanhol José García de Castro, em seu livro *La voz de tu salud* (2019), quando também vai narrar uma contemplação sua, a partir do Encontro de Maria com Isabel, sua parenta, e o tempo que elas passam juntas, bem como tudo o que essas mulheres contam uma a outra e tudo o que nós também somos convidados a testemunhar e a narrar de nossas experiências. García de Castro está convencido de que as palavras, o amor e o tempo são as três estruturas mais arrebatadoramente humanas, porque essencialmente espirituais. Deus sabe: Ele é a Palavra e o Amor encarnados no tempo, e nós somos sua imagem e semelhança.

Nascer é, portanto, ainda segundo García de Castro, ter sido convidado para fazer parte desse Mundo que nos acolhe, de modo que se levamos a sério a vida, nossa atitude deveria ser a de uma humildade agradecida, pois, na origem, antes mesmo que pudéssemos balbuciar uma palavra sequer, somos recebidos e acolhidos. O Mundo que habitamos é, assim, um Tu reverente, em permanente relação e comunicação. Ele, por si mesmo, é um lugar habitado pela Palavra; Deus, Presença dialogante que nos precede. Wittgenstein tinha razão, diz ele: quer tenhamos ou não fé, mais ou menos fé, esse mundo é um milagre. Pois ter fé, antes de ser assentir com convicção a um complexo sistema de enunciados teológico-dogmáticos, é um assombrar-se reverencialmente ante uma harmonia de fidelidades. Nada arranca a simetria. Tudo é milagrosamente espantoso. A poeta mineira dirá que “labor de abelhas e voo de borboletas precisam desse registro”. E em outro ponto, em seu pasmo existencial, vai constatar: “uma formiga me detém o passo...”

Seria, pois, um enorme orgulho de nossa espécie cremos que o homem é o único animal que se comunica. A comunicação é uma característica importante inerente a todo ser vivo. Viver é, por isso mesmo, comunicar-se. Desse modo, estar vivo encerra em si uma necessidade de comunicação e de relação. Embora, muitas vezes, não queiramos nem percebamos, uma simples presença carrega consigo uma mensagem. Há muitas formas de se fazer presente... E como é difícil, hoje em dia, ser presença de qualidade até para

nós mesmos. Quando acompanho os Exercícios Espirituais, gosto de dizer que, certamente, esta é a primeira graça a ser pedida: a de ser presente para mim mesmo; a de ser e estar presente diante dos outros... diante do Mistério que vamos meditar e contemplar, sem muito que nos distraia de nossa existência simples e trivial.

Nesse sentido, numa perspectiva cristã, conhecer-nos mais profundamente dispõe e orienta melhor nossos desejos e esforços para viver como homens e mulheres com os demais e para os demais, como nos diria o Padre Arrupe, de saudosa memória, na perspectiva daqueles que buscam e escolhem, sempre, em todas as coisas, o bem mais universal. Nessa aventura humana e espiritual que é a nossa vida – lembra-nos o Padre Teilhard de Chardin –, não há melhor maneira de começar esse itinerário, senão traçando um mapa de nossos afetos, para cartografar nossas motivações afetivas, a fim de melhor compreendermos nossas condições de existência e de enunciação no mundo, com tudo o que pudermos ser e viver no serviço aos outros.

O convite nos vem do próprio Inácio, logo de entrada, nas Anotações aos Exercícios Espirituais: “A quem recebe os *Exercícios* muito aproveita entrar neles com grande ânimo e generosidade para com o seu Criador e Senhor [...] (EE 5)”. Essa ressalva que ele nos faz indica-nos um caminho, fornece-nos algumas pistas. Em primeiro lugar, porque é fundamental conhecer nossos próprios sentimentos (afetos), sua dinâmica interna e como anda nossa disposição para lidar com eles. Consequentemente, porque é de suma importância identificar, sobretudo por meio do exame espiritual diário, o que tem determinado nossos comportamentos e nossas ações, nosso ânimo e nossa generosidade, quando se trata de pensar num Projeto de Vida legítimo, coerente e sustentável.

Desse modo, pedir a luz do Espírito Santo para reconhecer o que o Senhor quer realizar em cada um de nós é um bom começo para, com os olhos da fé, verificar a resposta que vamos dando: a Deus, aos outros e a nós mesmos. Assim, o hábito de trazer, cotidianamente, à memória os sentimentos, analisando as experiências recolhidas, descrevendo-as, procurando ver sua origem e suas causas faz-nos perceber o sentido e a direção que vamos dando a nossas vidas, não apenas a tônica dos nossos dias, mas também por onde anda o nosso coração (cf. Mt 6, 21) e o que trazemos nele. Será que conseguiremos levantar o coração, como nos pede o Senhor em cada liturgia que celebramos? Seremos capazes de responder que o nosso coração está em Deus?! Se o coração estiver pesado, essa pode ser uma experiência frustrante...

Por outro lado, se é bem verdade que somos criados no amor, porque o Senhor nos amou primeiro (1 Jo 4, 19), e na liberdade, pressuposto de toda e qualquer relação, descobrir os desejos que nos movem e dispô-los, orientando-os para que realizem um bem maior, possibilita-nos projetar melhor a própria vida, identificando o que nos afeta, primeiramente, e o que nos determina, conseqüentemente. Mesmo porque os Exercícios Espirituais e sua prática são uma ajuda para vencer-nos a nós mesmos e ordenarmos a própria vida, sem que nos deixemos determinar por nenhuma afeição desordenada (EE 21).

Essa dinâmica evidencia que nos movemos entre afetos e determinações; entre os porquês, que nos fazem buscar as causas arraigadas num passado, e os para quês, que nos projetam para um futuro; entre a culpa malsã, que nos paralisa, e a responsabilidade, que nos projeta. Por isso, é essencial que quem pensa no seu Projeto de Vida tenha feito, antes, uma boa releitura da própria história pessoal por meio de uma Autobiografia. Essa consideração prévia faz reconhecer, de antemão, afetos e disposições internas, isto é: atrações, inclinações e forças, tendências que nos movem para algo ou para alguém, para um sentido e para uma direção. Vale lembrar que todos esses sentimentos são neutros e puros em si mesmos, não havendo neles nenhuma implicação de ordem moral.

Da mesma forma, a releitura da vida ajuda-nos a compreender nossas afeições: as inclinações para uma pessoa ou para um objeto, motivadas pela atração que se tenha a essa pessoa ou a esse objeto. Não se trata de algo passageiro, pois as afeições constituem um estado peculiar, tendendo a ser mais constantes e mais duradouras. Elas são como o motor da nossa existência; estão em contínuo movimento, dando sabor e calor à vida. Ordenadas ou desordenadas, essas afeições condicionam nossa maneira de ser e de agir. Levam-nos fatalmente à perda da liberdade se algo nos desordena.

Certamente, por esse motivo, Inácio pede, logo no início dos Exercícios Espirituais, que todo bom cristão esteja disposto a salvar a proposição do seu próximo e a não o condenar (EE 22). Chama-nos, portanto, à via da misericórdia e do perdão, no acolhimento a nós mesmos e aos demais; abre-nos à consciência dos nossos afetos desordenados que, invariavelmente, determinam nossas ações em direção a uma vida de pecado. Tudo isso será, pois, matéria da Primeira Semana dos Exercícios Espirituais, depois que o exercitante se tenha debruçado sobre o seu Princípio e Fundamento (EE 23).

Desponta aí a possibilidade de um caminho de realização pessoal, dado que cada um de nós se confronta com o fim para o qual é criado, reflete sobre o uso que tem feito das coisas e sobre a relação que estabelece com as pessoas e com os outros seres, fazendo-se indiferente a tudo o que é criado, desejando e escolhendo somente aquilo que mais o conduza ao seu princípio e ao seu fundamento. Como se vê, vamos evoluindo de uma mera escolha entre o bem e o mal, indo além das perspectivas do “Escolhe, pois, a vida” (Dt 30, 19), na direção de um bem maior, em que todas as coisas sobre as quais eu queira escolher sejam indiferentes e boas em si mesmas (cf. EE 170). A isso podemos chamar discernimento.

Achar-nos indiferentes e sem qualquer afeição desordenada coloca em evidência que estamos livres para amar e para servir, sem inclinações ou apegos, livres de dependências afetivas. Encontramo-nos, pois, como o fiel da balança, dirá Inácio, prontos para abraçar o que seja da vontade do Senhor, uma vez que essa vontade não vem de fora e nos invade e violenta, mas brota como consequência de uma vida ordenada, bem disposta e feliz.

Um projeto responsável de amor e liberdade

Como toda vida humana é um projeto nascido da liberdade do amor de Deus, nossa resposta a esse amor deve consistir na orientação de toda nossa vida para o Pai, por meio de nossos mais diversos projetos e opções, até porque, no fundo, a vontade de Deus e esse amor se identificam, pois que Deus é amor (1 Jo 4, 8) e nos quer felizes. No entanto, se ficamos apenas na sensibilidade pura e simples, esse sentimento de amor pode parecer-nos instável e insuficiente, já que nem todo ser humano faz uma determinada experiência de amor.

É necessário, então, ir mais fundo nesse projeto, na direção do desejo. Com efeito, um desejo profundo é capaz de comprometer nossa vontade mais íntima e, se nossa vontade mais íntima estiver bem ordenada e discernida, ela poderá levar-nos a agir com responsabilidade, em vista de um bem maior e mais fecundo.

É bom acrescentar, ainda, uma palavra sobre a liberdade, visto que ela é o pressuposto fundamental para o ser humano no seu caminho de opção de vida. Uma liberdade da qual não se pode escapar, porque a liberdade é, também ela, um projeto, uma

meta, uma *intencionalidade*. Ela é vivida em meio à angústia diante da necessidade de escolhermos entre todos os possíveis. Nesse sentido, o ser humano vive *em situação*, vive *situando-se*: tem um corpo, um passado, uma história, uma língua, alguns amigos, pertence a certa época, vive num lugar...

Porém, a situação na qual o ser humano vive não determina, necessariamente, sua existência. Qualquer que seja a situação, o homem pode escolher submeter-se ou ultrapassá-la, por meio de seus projetos, considerando sua liberdade, sua memória, seu entendimento e sua vontade. Inácio leva tudo isso muito a sério, pois é exatamente essa a ordem em que aparecem, na sua oração de ação de graças, na Contemplação para Alcançar Amor, ao final dos Exercícios, os termos que se encontram aqui dispostos: a liberdade (pressuposto inicial de toda relação que o Senhor estabelece com a obra da criação) e as três potências da alma – o ser humano livre e respeitado como um ser de memória, de inteligência e de vontade.

Nessa perspectiva, ainda que não façamos sempre o que queremos, somos sempre responsáveis pelo que fazemos. A liberdade implica, por isso, uma inteira responsabilidade por parte do sujeito. E ela se realiza no compromisso que permite: quer uma ruptura, quer uma abertura a um campo de possíveis. Em todo caso, o compromisso, num primeiro momento, envolve apenas a pessoa que decide. Isso quer dizer que eu vou ser, em primeiro lugar, o que terei projetado ser, de sorte que sou responsável pelo que sou. A esse respeito, o filósofo Jean-Paul Sartre dirá:

[...] o primeiro passo de nossa existência é colocar todo homem em posse do que ele é e fazer repousar sobre ele a responsabilidade total de sua existência. E quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que ele é responsável por sua estrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens. Quando dizemos que o homem escolhe por si, entendemos que cada um dentre nós escolhe por si, mas por aí queremos dizer também que, escolhendo por si, o homem escolhe por todos os homens. De fato, não há um só de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não crie, ao mesmo tempo, uma imagem do homem tal como desejamos que ele seja.¹ (Tradução nossa).

Dito isto, nossa responsabilidade é muito maior do que podemos supor, pois ela compromete a humanidade inteira. Ou ainda, em outras palavras, eu sou o responsável por mim mesmo e por todos e crio uma determinada imagem do homem que eu escolho; escolhendo por mim, escolho o homem que quero ser: um homem livre e criado por amor.

¹ SARTRE, J-P. *L'existentialisme est un humanisme*.

Ora, o amor é o nome de um sentimento do qual temos experiência e do qual se diz que tem sua fonte em Deus, e isso nos autoriza e mesmo nos convida a tentarmos uma aproximação *analógica* do que nos é *dado* pensar sobre Deus sob este nome. O amor é da ordem da pessoa, da vontade, das relações subjetivas; é um sentimento duplo, necessidade de ser amado e desejo de amar. A necessidade de ser amado é a experiência mais fundamental, frequentemente dolorosa, do amor. Porque o desejo de amar nasce do encontro de um outro, que achamos “amável”; ele é fortuito, passageiro, e pode mudar de pessoa para pessoa, recaindo sobre outra; não implica por si só um sofrimento que dá seriedade ao amor, pois não compromete obrigatoriamente toda nossa pessoa, nem toda nossa vida. Enquanto a necessidade de ser amado sobe do mais profundo de nós, é a prova da solidão e da vontade de dar certo, o chamado que implora por alguém para que ele nos ajude a existir, a confissão de que nos é impossível viver sem esse alguém. Essa necessidade é a característica mais forte do amor, porque implica o compromisso de amar aquele que deseja ser amado; mais que isso, é ato de amor, o mais efetivo e radical, porque quem pede, prevendo a resposta do outro, se oferece antes ao outro, sem garantia de ser acolhido, expondo-se a ser rejeitado, humilhado, ferido, e fica ligado ao outro, mesmo que não receba nada em troca e que o outro se recuse a deixar-se amar. Da mesma maneira, compreende-se a prescrição de amar o próximo “como a si mesmo”: do mesmo modo que alguém deseja ser amado, é necessário encontrar nessa necessidade existencial a força de amar sem limites mesmo aqueles que não atraem nosso amor.² (Tradução nossa).

Podemos aprofundar, na oração pessoal, algumas pistas que advêm daí, que nos podem ajudar a ser mais para os demais, no nosso caminho de discernimento, bem como na construção de um bom Projeto de Vida. Será que sou capaz de identificar o amor de Deus como fonte de dons na minha vida pessoal? Consigo nomear concretamente as ações de Deus em meu favor? Dado que o amor se apresenta como um sentimento duplo, necessidade de ser amado e desejo de amar, como viver bem essas duas dimensões amorosas, de forma equilibrada, na hora de pensar no meu Projeto de Vida? Além disso, se eu ousar afirmar que a liberdade é, também ela, um projeto de vida e um caminho, em que ponto desse itinerário eu me encontro? Tenho ainda coisas que me prendem e que me impedem de pegar a estrada rumo à liberdade?

Deus tem uma vontade particular para cada um de nós?³

Posta desse modo, a questão nos embaraça, diz o padre francês, Michel Rondet, jesuíta e ex-mestre de noviços. Há dias em que gostaríamos muito de poder ter como referência para nossas vidas uma vontade particular de Deus a respeito do que seria nossa vocação, por exemplo, ou do que deveríamos fazer. Como seria seguro e confortável em horas de dúvidas e de dificuldades! Saber que estamos inscritos num desejo de Deus,

² MOINGT, J. *Dieu qui vient à l'homme*, p. 194.

³ Cf. RONDET, M. *Dieu a-t-il une volonté particulière sur chacun de nous ?*

previsto desde a eternidade, em que cada elemento de nossa vida, feliz ou não, encontraria seu lugar e um sentido...

Mas, ao mesmo tempo, algo em nós protesta: Deus nos colocaria, assim, diante de um programa a cumprir: fixo, exterior a nós, sem nos dar nem mesmo meios seguros para conhecê-lo? Porque se as palavras têm um sentido e se pudéssemos falar de vontade de Deus, que peso esse querer divino não teria sobre nossa liberdade? Que angústia, também para nós, quando se trataria de escolher. Todo erro, todo atraso seriam dramáticos – continua Rondet. Passando ao lado do desejo de Deus, situando-nos, mesmo involuntariamente, fora de Seu projeto, teríamos perdido tudo, estragado tudo. E isso mais ainda quando nos damos conta de que os caminhos de Deus não são os nossos, principalmente, quando notamos, a cada dia, o quanto é difícil e, às vezes, arriscado, querer discernir o que chamamos de vontade de Deus. Que Deus nos tenha colocado numa encruzilhada, diante de muitas direções e que uma delas seria a boa, sem nos dar meios de reconhecê-la com segurança, parece, antes, a ação de um Deus perverso e não pode, de nenhum modo, expressar a atitude do Deus da Aliança, que veio salvar o que estava perdido.

Porém, sabemos bem que este mesmo Deus é quem nos chama pelo nome e que nosso encontro com Ele passa por um caminho que nos é particular. De Abraão a Pedro, a história da salvação tem exemplos abundantes de homens chamados a uma nova vida, com uma missão precisa, que ganha frequentemente sentido com uma mudança de nomes: serás chamado, a partir de agora: Abraão, Israel, Pedro. A missão de Moisés, a de Jeremias ou a de Paulo, por exemplo, parecem corresponder bem a uma vontade particular de Deus, ao ponto de marcar suas vidas de uma singularidade que os conduz a uma verdadeira solidão. São destinos excepcionais ou exemplares aos quais somos todos chamados a viver.⁴ (Tradução nossa).

Que acompanhante, antes de ajudar os jovens, por exemplo, a escolher uma orientação de vida, não encontrou, um dia, rapazes e moças que lhe disseram com esperança e angústia: “tenho uma escolha a fazer, quero fazer a vontade de Deus e não queria enganar-me. Isso seria grave, mas não sei o que Deus espera de mim, por isso, vim vê-lo, a fim de que me ajude a descobrir os meios para acertar na escolha”.

Responder a uma pergunta feita assim é impossível, considera o Padre Rondet. Pretender fazê-la seria presunçoso. Quem pode situar-se assim diante da vontade divina? O discernimento, de cuja importância falaremos, não nos responde, exatamente, quais são

⁴ RONDET, M. **Dieu a-t-il une volonté particulière sur chacun de nous ?**

os projetos de Deus a nosso respeito; ele nos dispõe a reconhecer, nos nossos desejos e vontades, o que pode vir do Espírito do Cristo; o que não é a mesma coisa!

A única resposta que poderíamos dar à pergunta que acabamos de evocar é dizer a esse rapaz ou a essa moça: “A vontade de Deus não é, primeiramente, que você escolha isso ou aquilo; é que você faça bom uso disto ou daquilo que você mesmo(a) escolheu, depois de uma reflexão honesta, livre do egoísmo e do medo. Esta é a maneira mais fecunda, mais feliz para realizar sua vida. Tendo em conta o que você é, seu passado, sua história, as pessoas que você já encontrou, a percepção que você pode ter das necessidades da Igreja e do mundo, que resposta pessoal você pode dar aos apelos que você sente a partir do Evangelho? O que Deus espera de você, não é que você escolha tal ou tal vida, que Ele teria previsto desde a eternidade para você, mas que você seja capaz de inventar hoje sua resposta à Sua presença e ao Seu chamado!”⁵ (Tradução nossa).

Não se trata, pois, de descobrir e de cumprir um programa pré-estabelecido, um destino, mas de fazer nascer uma fidelidade. A experiência mostra que é uma mudança de perspectiva muito radical (diz respeito às raízes onde está plantada a nossa vida) e que exige frequentemente um pouco de tempo no sentido de uma conversão profunda. Afinal, muitos de nós temos dificuldade de nos desvencilharmos de uma imagem perversa de Deus, herdada, muitas vezes, de um deísmo que marcou a cultura ocidental. Aí se encontraria o rosto do Deus Todo-poderoso, que vê tudo, que sabe tudo, diante de quem a história humana se desenvolve como um espetáculo sem surpresas; aí estaria aquele que espera que ocupemos nosso lugar de figurantes que Ele havia previsto desde a eternidade – afirma Rondet. Ainda que ninguém se expresse assim, tão brutalmente, não há necessidade de se procurar muito para encontrar esse rosto de Deus, como pano de fundo de certas maneiras nossas de conceber a vontade de Deus, Sua providência.

Existe, sim, um desejo de Deus para a humanidade; as Cartas de Paulo, o Prólogo do Evangelho segundo João tentaram descrever isso: “Ele nos escolheu em Cristo, antes da fundação do mundo, para sermos santos e sem defeitos sob o seu olhar no amor. Ele nos predestinou a sermos seus filhos adotivos por meio de Jesus Cristo” (Ef 1, 4-5)... “A todos que o acolheram, ele lhes deu o poder de se tornarem filhos de Deus” (Jo 1, 12).

Esse desejo de Deus não é, portanto, uma determinação qualquer de uma vontade divina soberanamente livre, é um desejo de salvação que expressa o ser último de Deus: Amor que se doa e se comunica – dirá Karl Rahner. É a expressão da comunhão íntima do Pai e do Filho e do Espírito que se abre a uma alteridade para acolhê-la em seu amor. Esse desejo de Aliança engloba toda a história e toda a humanidade, mas porque é vontade

⁵ Ibidem.

de aliança, desejo de comunhão, só pode dirigir-se a pessoas livres, a homens e a mulheres que estejam aprendendo a ser humanos, de fato.

Entretanto, é verdade que existe um desejo de Deus que nos alcança e afeta pessoalmente. “Se Deus se manifesta pelo Seu Verbo, Sua Palavra, é para ser ouvido por cada um de nós. Se Ele nos chama a sermos filhos no Filho, é porque Ele espera de nós que nós digamos numa palavra que venha a juntar-se à Sua”⁶. Esta palavra, Ele a espera de cada um de nós. A revelação de Seu amor pode bem fazer que essa palavra nasça em nós: contudo, cabe a nós pronunciá-la, sem que ela nos seja ditada.

Dito de outro modo, poderíamos ainda dizer que, criando-nos à Sua Imagem, Deus chama cada um a dar a esta imagem Sua semelhança particular. Como Jesus deu à Imagem do Pai um rosto humano particular, à sua Palavra um sotaque único, cada um dentre nós é chamado a refletir na sua vida a santidade do Pai. Afinal, ainda segundo Rondet, o Deus diante de quem estamos não é um computador poderoso capaz de programar e de armazenar na memória milhares de destinos individuais, um Deus a quem teríamos de perguntar, com medo e tremendo, sobre o nosso futuro. É Ele o Amor que corre o risco de nos chamar à vida, semelhantes e diferentes, para oferecer-nos aliança e comunhão. É a este rosto do Senhor que precisamos converter-nos, se quisermos estar verdadeiramente diante da vontade de Deus. Nós O reconheceremos, então, não mais como um ditador ou uma fatalidade, mas como um chamado a uma criação comum.

Como se vê, a resposta que vamos dar a Deus não está inscrita em lugar nenhum, nem no livro da vida, nem mesmo no coração de Deus, senão como uma espera e uma esperança. A esperança de algo que Deus não vê ainda e ao qual vamos dar forma e rosto. Aí estão a grandeza e o risco de nossas vidas: sermos assim chamados a despertar a alegria de Deus pela qualidade e pela generosidade de nossa resposta – garante o Padre Rondet.

As escolhas que fazemos não são criações a partir do nada. Nós as preparamos com esses materiais que são nossos condicionamentos humanos: nosso temperamento e nossa história. Não podemos tudo, mas podemos dar sentido e rosto ao que seria apenas um destino. Nesse esforço de criação pessoal, em resposta ao chamado de Deus, o Espírito

⁶ Ibidem. (Tradução nossa).

se junta a nós, não como uma força exterior que se imporia, mas como uma energia interna suscitada em nós pela acolhida da palavra de Deus e pela participação na vida da Igreja.

O Evangelho não nos dará a escolha, mas abrirá horizontes ao nosso desejo: “Vocês ouviram o que foi dito [...]; eu, porém, lhes digo [...] busquem primeiro o Reino de Deus e a sua justiça” (Mt 5, 26 – 6, 33). “Lá onde eu estiver, eu quero que vocês estejam também [...]. A vontade de meu Pai é que vocês deem fruto e um fruto que permaneça” (Jo 14, 3 – 15, 16). O Evangelho não nos dirá o que é necessário fazer, mas ele vai chamar-nos constantemente à perfeição na caridade: “Sejam perfeitos como o Pai celeste é perfeito [...] amem-se uns aos outros, como eu os amei [...] aquele que não perdoar de todo coração [...]” (Mt 5, 48 ; Jo 15, 12 ; Mt 18, 35).

Por outro lado, a Igreja, também, pode dirigir-nos seus apelos: aos ministérios, à vida consagrada, a esta ou àquela forma de serviço, mas quaisquer que sejam suas necessidades, ela não comprometerá quem quer que seja numa via particular, sem se assegurar de seu livre consentimento. Para ajudar-nos na nossa resposta, a Igreja nos religa a uma imensa multidão de testemunhas que ela mesma nos ensina a reconhecer como irmãos. Suas vidas, suas escolhas estão aí, diante de nós, como muitos chamados, não a imitá-los simplesmente, mas a segui-los.

Francisco de Assis, Inácio de Loyola, Teresa de Ávila, por exemplo, são únicos e não podemos meramente imitá-los; suas vidas são, para nós, convites para (re)inventarmos a nossa resposta. Eles nos são fontes de inspiração na construção livre de nossos projetos. Eles buscaram de todo coração a vontade de Deus, tiveram uma consciência muito viva de ter previsto, antes, pelo amor de Deus, um amor que eles não pararam de (re)conhecer na ação de graças. Na sua escolha, eles tatearam, hesitaram, duvidaram, às vezes, para, finalmente, confiarem-se ao Espírito que os guiava na direção do Reino. Dos acontecimentos mais diversos, eles souberam tirar proveito, glorificando a Deus tanto nas provações como nos êxitos. Aliás, nunca me esquecerei de uma pergunta que me foi feita, certa vez, por um jesuíta durante um retiro de Exercícios Espirituais: “Jesus ia para o Calvário carregando a cruz. Ia consolado ou ia desolado?” Sem dúvida nenhuma, nos momentos mais difíceis de sua trajetória terrena, o Senhor ia consolado, Ele sabia onde Seus pés pisavam e pedia, mais fortemente ainda, o dom da Consolação – aumento de fé, de esperança e de amor – para levar a bom termo a Sua missão.

Portanto, a continuidade, a coerência que admiramos nas vidas dos santos que nos precederam na fé está alicerçada no seguimento do Cristo e podem ser reveladas, frequentemente, depois de entrevermos um caminho cheio de desafios e provações. De fato, se pensamos, por exemplo, nas escolhas sucessivas que marcaram o itinerário espiritual de tantos santos da nossa particular devoção. Muito mais que uma programação rigorosa, o que caracteriza a vida deles é a qualidade de uma reação espiritual diante dos acontecimentos, mesmo os mais inesperados.

Todos eles, de certo modo, entraram num processo de errância, tal como foi com o povo de Israel, no caminho de suas escolhas. De alguma maneira, aprenderam a tirar as sandálias dos pés, no momento oportuno, e a reconhecer que, como dizia o Padre Libanio, de saudosa memória: “quanto maior a contradição, maior é a possibilidade da intervenção”. Há sempre algo a ser feito, mais ainda diante do caos e da falta de sentido, pois qualquer gesto, mesmo a simples presença silenciosa e confiante torna-se sinal de salvação!

É preciso, portanto, saber ler os acontecimentos. Eles não são uma moldura onde Deus nos coloca; eles não fazem o santo. Eles são o material que nos é dado para construir nossa resposta. A resposta terá a marca do material utilizado, mas terá mais ainda a marca do arquiteto que pudermos ser, com a plena responsabilidade que temos. Não podemos fazer tudo com todo o material, mas podemos fazer a obra de uma vida. “O amor pode fazer jorrar a santidade nos piores contextos humanos: o testemunho daqueles que consagraram suas vidas sendo amigos dos marginalizados, dos pobres e dos excluídos não cessa de nos recordar isso”.⁷

Conclusão

Perguntamo-nos, com o Padre Rondet, se podemos falar de uma vontade particular de Deus a respeito de cada um de nós. A Igreja, fazendo-nos viver a comunhão dos santos, lembra-nos que o mais correto seria falar de uma resposta pessoal de cada um de nós ao desejo de Deus, um diálogo de duas liberdades. Afinal, como vimos, o amor de Deus nos

⁷ Ibidem. (Tradução nossa).

precede; não cessaremos nunca de tomar consciência disso e de render graças a Deus por esse Dom.

Contudo, como nos lembra São Paulo, esse amor “aniquilou-se a si mesmo” (Fil 2, 7) diante da nossa própria liberdade, assumindo a condição de Servo. Equivale a dizer que, chamando-nos à comunhão, Deus não tem outro desejo senão o de consagrar a nossa liberdade, oferecendo-lhe um horizonte que a amplia até o infinito: “Permaneçam em mim, como eu em vocês. Eu lhes digo isso para que a minha alegria esteja em vocês e que a sua alegria seja completa” (Jo 15, 4. 11). Portanto, se Deus tem um desejo para cada um de nós, é, primeiramente, o de nos tornar fecundos, o de nos ver dar frutos: “Não foram vocês que me escolheram; fui eu que os escolhi e os estabeleci para irem e dar fruto e para que este fruto permaneça” (Jo 15, 16). Aqui não impera a lógica do resultado, mas o sentido da fecundidade, a disposição para o Magis.

Podemos começar a entrever melhor, ao mesmo tempo, a anterioridade do desejo de Deus e sua vontade profunda: ver-nos assumir plenamente a nossa liberdade. Do mesmo modo como o amor suscita o amor, a liberdade desperta a liberdade: a liberdade de Deus desperta, assim, a liberdade do homem.

Nesse sentido, para apreciar a qualidade espiritual de nossa resposta a Deus, é necessário reler todo esse processo de busca sob o ponto de vista da nossa própria liberdade. Será que nossa resposta é fruto de uma liberdade profunda, consequência de uma vida plenamente assumida? Se assim for, somos capazes de reconhecer que tal decisão de nossa parte junta-se à vontade de Deus, se cada um puder dizer que ela o faz sentir-se ainda mais livre, ou seja, quando nossas decisões e nossas vontades particulares introduzem nas nossas vidas coerência e sentido, unificando o passado, abrindo-nos ao futuro.

Tocamos aqui numa das características mais profundas de uma decisão espiritual. Ela pode unificar o que ainda era, no passado, apenas retoques sucessivos. Ela vai tecer, na memória, ligações ainda não percebidas, introduzindo, no descontínuo aparente das nossas graças e fraquezas, uma continuidade nova. E, ao mesmo tempo, ela vai abrir-nos a um porvir. O passado, assim reunificado, faz aparecer possibilidades novas. O que teria parecido impossível ou sem sentido torna-se natural. Tendo voltado de Jerusalém, Inácio de Loyola, por exemplo, toma a decisão de estudar; essa escolha unifica todo um passado

de graças em torno de uma motivação espiritual reconhecida como fundamental: o desejo de salvar as almas. Isso abre, ao mesmo tempo, um futuro que Inácio ainda não percebia, mas que vai inscrever-se na lógica dessa escolha: a fundação da Companhia de Jesus.

Realmente, dirá o Padre Rondet, pode-se afirmar que esta fundação é obra de Deus cujo amor precede e o guia em todas as etapas de sua vida. Podemos dizer, também, que é obra de Inácio, de sua generosidade, de sua fidelidade, de sua lucidez: ela traz a marca de sua liberdade. Tem algum sentido, então, falar de uma vontade de Deus? Sentimos bem que toda alternativa desse tipo fala de uma verdade profunda: a de um encontro, de uma comunhão de duas liberdades numa obra comum para o bem do corpo inteiro.

Por conseguinte, falar de vontade particular de Deus, para cada um de nós, requer uma precisão. Na Bíblia, toda vocação é individualizada: a dos homens, a de um povo. Mas São Paulo nos fará lembrar que toda graça é dada para o bem do corpo inteiro – para o Magis, poderíamos afirmar. Assim, se quisermos evocar as grandes etapas da história da salvação, são nomes de pessoas que vão aparecer: Abraão, Moisés, Davi, os profetas, Jesus. Nomes próprios com uma história bem particular, mas nenhum deles pode ser compreendido sem referência ao seu lugar na história comum. Não existem santos fora da comunhão dos santos, dirá o Papa Francisco.

Por isso, discernir a vontade de Deus sobre as nossas vidas, leva-nos a nos perguntar sobre o nosso lugar no Corpo do Cristo. Não aquele que nos será dado, mas aquele que podemos e que desejamos ter como nosso. Aqui, ainda, a resposta pertence a cada um de nós, e Deus espera de nós que ela seja generosa e nova, para alegrar-Se com a minha solidariedade, como ele Se alegra com a minha liberdade.

Em suma, temos de discernir os apelos de Deus em nossas vidas, e seria sem sentido dizer que eles não existem.

Deus não se cansa de nos criar por meio de Sua Palavra, existimos nesta Palavra que nos chama hoje à vida. Cabe a nós reconhecer, então, as múltiplas palavras que traduzem essa Palavra criadora, como uma criança, atenta às palavras que a convidam a sair de si. Frequentemente, tentando reler nossa vida sob o olhar de Deus, fazendo memória do Seu amor e da Sua fidelidade por nós, é que nos tornamos sensíveis aos apelos que Ele nos faz. Mais que uma vontade precisa, expressa como regra de vida, esses apelos vão dizer-nos o desejo de Deus, sua espera e sua esperança: vão fazer com que inventemos pouco a pouco nossa resposta. Poderemos acolher sem angústia as hesitações, as falhas e as ambiguidades de nossas escolhas. Como dizia Emmanuel Mounier: “Deus é grande o suficiente para fazer, mesmo de nossos erros, uma vocação”. Pois bem: há muitas

moradas na casa do Pai, Deus espera que edificuemos a nossa, mas Ele trabalha lado a lado conosco.⁸ (Tradução nossa).

Referências

- ANCHIETANUM. **Espaço Projeto de Vida**. São Paulo, 2013.
- BÍBLIA SAGRADA**. Lisboa: Difusora Bíblica, 2016.
- CORREIA, V. **Por que falar em Projeto de Vida?** São Paulo: *O peregrino*, 2014.
- FALQUE, L. BOUGON, B. **Pratiques de la décision – développer ses capacités de discernement**. Paris: Dunod, 3^{ème} édition, 2013.
- FALQUE, L. BOUGON, B. **Discerner pour décider**. Paris: Dunod, 2014.
- FRANCISCO. *Gaudete et Exsultate*. 19 mar 2018.
- GARCÍA DE CASTRO, J. **La voz de tu saludo**. Maliaño: Sal Terrae, 2019.
- GONZÁLEZ-QUEVEDO, L. **Projeto de Vida: amar e ser amado**. São Paulo: Loyola, 2005 (2^a. edição).
- MOINGT, J. **Dieu qui vient à l’homme, t. II-2: De l’apparition à la naissance de Dieu – 1. Apparition**. Dans: *Cogitatio Fidei*, 245. Paris : CERF, 2005.
- PORENGO, H. **Discernir e realizar o Projeto de Vida**. 1^a parte de quatro do texto apresentado no 4^o Seminário Nacional de Assessores – Uruguai-2000.
- RAHNER, K. *Jésus Christ*. Dans : **Traité fondamental de la foi**. Paris: Centurion, 1983, pp. 203-258.
- RONDET, M. Dieu a-t-il une volonté particulière sur chacun de nous ? *Revue Christus*, n°153, Hors-Série sur l’accompagnement spirituel.
- SANTO INÁCIO DE LOYOLA. **Exercícios Espirituais**. São Paulo: Loyola, 2006 (3^a. edição).
- SARTRE, J-P. **L’existentialisme est un humanisme**. Paris: Gallimard, 1996.

⁸ Ibidem.